



Helder Simbad*

“Cristo Moreno” ou “Cristo de Pachacamilla” é uma imagem de Jesus Cristo venerada no Peru como “Senhor dos Milagres”. Por conta da história de milagres resultantes da veneração desta imagem pintada nas paredes de uma casa no bairro de Pachacamilla, celebra-se, desde 1651 até aos nossos dias, uma das maiores festas religiosas da América, com grande cobertura jornalística, baptizada como “O Senhor dos Milagres”. A história relata que esta imagem foi pintada por um homem negro; portanto, Benito, de Angola, com escassas referências, quase que a - histórico.

Mesmo com todos os esforços visando à verdade e a diminuição significativa da hegemonia conseguida ao longo dos séculos através da queda de alguns impérios, pilhagens de recursos, bem como por via da apropriação cultural e intelectual, o Ocidente procura manter o “lócus privilegiado de enunciação” com o objetivo de favorecer aspectos da sua cultura de matriz greco-romana em desfavorecimento de outras culturas. Em virtude disso, um país como Peru, por exemplo, impregnado pela cultura hispânico-latina, não vai exaltar tanto a expressão “Cristo Moreno”. Em seu lugar, fica melhor “Senhor dos Milagres”.

Dessa necessidade de restituição da verdade histórica parece não participarem apenas os historiadores e outros pensadores afins. Surge-nos então Roderick Nehone, escritor, com uma obra de ficção, intitulada “Benito de Angola: o pintor do Cristo Moreno”. Surgem-nos então as perguntas que se seguem: Que contributo pode um escritor dar para a história? Um romance histórico pode servir de fonte histórica?

Neste romance, o autor procura fundamentar as lacunas dos factos históricos com ficções, compõe as personagens e constrói os cenários em concordância com documentos e dados históricos, conferindo à obra o estatuto de romance histórico. “Benito de Angola: o pintor do Cristo Moreno” reivindica a falta de reconhecimento de uma figura africana de quem pouco se fala.

Por consequência, Roderick Nehone, movido por esta empatia e ao estar imbuído dessa atitude crítica de revisitação da história, move-se dentro da mentalidade do Materialismo Histórico, lugar conceptual a

O NOVO ROMANCE DE RODERICK NEHONE

Entre a meta-ficção, a História e a Educação

“Benito de Angola: o pintor do Cristo Moreno” é um romance inteligente. Envolveu muita pesquisa bibliográfica e investimento de tempo. Compõe-se de 304 páginas, mas é daqueles romances que vale a pena ler. A leitura não é aborrecível. O autor domina as técnicas de narração e impõe um ritmo que oscila entre o lento (frases longas) e o lesto (frases curtas). As descrições lembram as reportagens cinematográfica onde a língua é celebrada na sua expressão mais sublime: poesia



partir do qual Tustel de Coulanges (como citado em Benjamim, 1994, p.225) “recomenda ao historiador interessado em ressuscitar uma época que esqueça tudo o que sabe sobre as fases posteriores da história”, algo que o autor do romance em questão fez muito bem.

Naturalmente, um romance é um produto ficcional e a célebre frase “a história é escrita pelos vencedores”, do proclamado escritor George Orwell, não retira o carácter científico à História e o seu maior compromisso com a verdade; todavia, não podemos deixar de questioná-la, não para julgamentos, mas para a compreensão de um momento histórico da própria história e suas bifurcações com a ciência, política, religião, a verdade, etc.

Hoje, parece ser um pouco mais difícil esta prática de favorecimento por conta do Estado Democrático de Direito, mesmo com todas as suas falhas. Nós angolanos vivemos estes problemas da dialéctica dos consensos em que o substrato ideológico obstaculiza o progresso da ciência, sendo o exemplo mais claro a Comissão Interministerial criada em 2013 pelo então Presidente da República José Eduardo dos

Santos, visando à elaboração, à recolha e o registo de todos os dados históricos e informações relativas ao período da Luta de Libertação Nacional, e até hoje nada temos.

Por conseguinte, é preciso esclarecer que o romance histórico, embora incorpore elementos reais extraídos em

documentos históricos com o objetivo de ser o mais verossímil possível, não deixa de ser ficção; porém, pode servir de suporte para treinar a imaginação do estudante e sugerir melhores estratégias didácticas ao professor, desde que o estabelecimento de fronteira entre a ficção e o científico seja percebido com exactidão. Não como o professor que surge na meta-ficção historiográfica “Benito de Angola: o pintor do Cristo Moreno” sustentando a sua comunicação científica com excertos extraídos de um romance:

“– Aí o Professor surpreende a audiência com a introdução de um elemento novíssimo, um sujeito fictício que era uma das personagens de um romance no prelo, que lhe fora relatado por um escritor angolano, do qual a maior parte dos circunstâncias nunca tinham ouvido falar, mas que lhe servia, naquela peça de oratória, de instrumento auxiliar para tornar mais compreensível para os

ouvintes a complexidade das relações sociais internas e externas e da organização administrativa daquele pequeno reino situado na costa ocidental de África e a sudeste do famoso Reino do Congo”. (p.24)

Alguns dados que a obra apresenta são do domínio comum. É exactamente aqui onde se impõe destacar a destreza

do autor em dizer o que já sabemos e ainda assim nos impressionar. Com efeito, ainda nos situando nas possibilidades didácticas que este romance pode fornecer ao professor de História de Angola ou de África pra proporcionar aos seus estudantes

a aprendizagem significativa tem a ver com a elevada carga psicodramática que o autor imprime na narrativa, trazendo uma descrição personificada dos raptos dessas pessoas, das longas viagens que efectuavam em condições desumanas, do tratamento dado aos mortos, de um jeito que a sala de aula dificilmente traria, apesar das imagens que os manuais apresentam.

Ao identificar os traços da moral cristã que esta obra sugere durante este período

histórico à qual questiona de várias formas ao longo da diegese por via das relações interpessoais, pensei logo no poema do brasileiro Augusto dos Anjos “Escarrar de um abismo noutro abismo”:

“Escarrar de um abismo noutro abismo/ Mandando ao Céu o fumo de um cigarro/ Há mais filosofia neste escarro/ Do que em toda a moral do Cristianismo”

Na página 35, a personagem Faria Bravo, respondendo ao investidor e escravocrata senhor Manoel de Almeida, seu mandatário, sobre a segurança na transportação dos homens - mercadoria refere-se nos seguintes termos:

“Somos filhos de Deus e contamos com a graça do

Senhor. Por muito obscuros que sejam os caminhos do mato, nós andamos bem protegidos pelo nosso santo Pai do Céu que está no alto”. (p.35)

O homem negro, nestes termos, não era visto como filho de Deus e a sua captura fazia parte da bondade manifesta por Deus na vida dos seus filhos. Esta mesma figura que jurou lealdade ao seu patrão é tentado a mudar de carácter por um outro mercador e, embora cedendo, mais uma vez faz alusão a Deus e o remorso não resulta da venda de homens, mas do facto de estar a enganar o seu patrão:

“Então, o que lhe propõe é o seguinte: eu vendo-lhe três e fico com os outros sete para o senhor Manoel. Faço isso para não ficar mal com Deus nem com o Diabo, senhor António”. (p.43)

Esta moral é também discutida de forma explícita quando Eustáquio Quiapoce questiona a fala do padre Cornélio.

“– Ó senhor Padre, não acredito no que estou a ouvir de si – exclamou o ambaqueira Eustáquio Quiapoce. Essas palavras a virem de um representante de Sua Santidade?” (p.100)

Um dos aspectos que prendeu a nossa atenção tem a ver com a situação do saneamento e organização administrativa de Loanda do século XVII. Parece-nos que de Loanda para Luanda, só o vocalismo enquanto metaplasmo.

“– Desde que cheguei que me senti, digamos, perseguido, por este cheirinho a esterco com peixe frito, seco, podre ou salgado, por falta de esgotos aqui na cidade e também pela ausência total de capacidade das autoridades para se organizarem e regulamentarem as quitandas...” (p.93)

“Benito de Angola: o pintor do Cristo Moreno” é um romance inteligente. Envolveu muita pesquisa bibliográfica e investimento de tempo. Compõe-se de 304 páginas, mas é daqueles romances que vale a pena ler. A leitura não é aborrecível. O autor domina as técnicas de narração e impõe um ritmo que oscila entre o lento (frases longas) e lesto (frases curtas). As descrições lembram as reportagens cinematográfica onde a língua é celebrada na sua expressão mais sublime: poesia.

“Professor, escritor e crítico literário

Nehone R. (2023). “Benito de Angola: o pintor do Cristo Moreno”. Luanda: Mayamba.

Benjamim, W. (1994). “Magia e técnica. Arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura”. São Paulo: Brasiliense.